



O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE TAMANDARÉ

William Carmo Cesar

"Permita em dar a minha opinião, que a melhor Academia da Marinha é um Navio de Guerra, um respeitável e hábil Lente, aonde se combina a teoria com a prática que aí se devem explicar."

Lord Cochrane (3:47)

FORMAÇÃO MARINHEIRA E MILITAR-NAVAL DE TAMANDARÉ

Nascido no litoral, filho do Patrão-Mor da barra do Rio Grande, de quem herdou a coragem e a inclinação pelas coisas do mar, Joaquim Marques Lisboa acostumou-se desde menino a desafiar os perigos do oceano, muitas vezes revoltado e encapelado, a castigar com violentas ondas o velho lanchão de madeira utilizado por seu pai, que por vezes o permitia acompanhá-lo barra a fora para assistir às fainas de praticagem. Resolvendo seguir a vida marítima, o próprio pai, que lhe desejava a carreira do comércio, encarregou-se de transmitir-lhe os segredos da arte da navegação. E assim, com apenas treze anos, embarcou

na escuna *Eufrasia* para realizar sua primeira viagem como praticante de piloto, ocasião em que teve a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos com o pai, reconduzindo o navio do porto do Rio Grande à barra da baía de Guanabara, com navegação precisa e segura. Estava comprovada na prática a vocação marinheira daquele que viria a ser um dia o Patrono de nossa Marinha de Guerra.

Seu ingresso na Armada Imperial dar-se-ia a quatro de março de 1823, nomeado que fora para embarcar, como praticante voluntário, na fragata *Niterói*, então sob o comando do Capitão-de-Fragata John Taylor, oficial inglês a serviço do Brasil. Em maio deste mesmo ano receberia seu batismo de fogo juntamente com o da Mari-

nha Imperial, no combate da Ponta de Santo Antonio, na Bahia, quando a Esquadra brasileira sob o pavilhão do Primeiro-Almirante, Lord Cochrane, bateu-se com as forças portuguesas na campanha pela consolidação de nossa Independência. A fragata *Niterói* posteriormente encetaria implacável perseguição à Esquadra lusitana, numa epopéia que iria se estender até às portas da capital lisboeta, fazendo tremular o Pavilhão Nacional de nosso nascente Império pela primeira vez em tão longínquias latitudes.

Após uma curta passagem pela Academia Nacional Imperial de Guardas-Marinha, em 1824, onde esteve matriculado e cursou por menos de seis meses, Marques Lisboa consegue retornar para bordo como Voluntário, desta vez embarcando na nau *Pedro I*, sem ter mesmo completado o primeiro ano da Academia. Regressava à vida de bordo e daí em diante participaria, com raras exceções, de quase todas as campanhas navais em que a Marinha Imperial iria se envolver, exercendo as mais diversas funções e cargos a bordo de diferentes classes de navios, e atingindo o Almirantado em seu último posto.

TAMANDARÉ E A ESTRATÉGIA

Experimentado marinheiro, com larga vivência de guerra, qual seria o pensamento estratégico do Almirante Tamandaré? Quais das concepções estratégicas navais clássicas de sua época eram de sua pre-

ferência? Que idéias e ensinamentos lhe teriam condicionado ações administrativas e operativas ao longo de tão brilhante carreira? Qual a filosofia do Almirante quanto ao melhor emprego do Poder Naval?

Tivesse o bravo Marquês Lisboa nos legado algum registro ou mentário seu sobre a Arte da Guerra, as respostas a essas indagações seriam talvez claras e evidentes. Entretanto, parece-me inexatidão em seus arquivos registros de tal natureza, que pudessem comprovar de maneira concreta as idéias que teria tido a respeito da Estratégia.

Seria válido então admitir que, apesar de ter galgado o mais alto posto da carreira naval e de ter exercido funções da mais alta importância, o nosso Almirante era avesso a teorias estratégicas acadêmicas, e não teria tido ele em mente algum o interesse pelo estudo da Arte da Guerra e do preparo e emprego do Poder Naval e Militar de uma maneira geral? Tal afirmação apriorística penso ser uma precipitação descabida e, antes de tudo, uma contestação um tanto leviana do reconhecido valor do quele que seria aclamado o Patrono de nossa Marinha.

Um exame não muito profundo de alguns documentos e relatos históricos existentes sobre sua vida e particularmente sobre sua carreira, pode nos levar a inferir com boa margem de acerto, que o Almirante não somente possuía a plena visão dos princípios que norteavam o emprego do Poder Naval Militar, como também da impor-

ância dos fatores de ordem Política, Tática e Logística que condicionam a Estratégia.

O Almirante Arthur Jaceguay, que foi secretário de Tamandaré por dois anos, durante seu Comandando-em-Chefe na Campanha do Paraguai, afirma em suas "Reminiscências da Guerra", que o Almirante estaria convencido de que a guerra poderia ser conduzida pela inspiração. Diz Jaceguay: "Ele fazia alarde de desprezar os princípios, os métodos, e os sistemas e a experiência recolhida na História, tudo, enfim, que se pode adquirir pelo estudo" (7:232). Conta-nos também que, em certa ocasião, Mitre encaminhara a Tamandaré um relatório sobre as operações marítimas e fluviais da Guerra de Secessão Americana, cujo Teatro de Operações em muito se assemelhava àquele em que iriam operar, e que tal relatório fora devolvido intacto como fora recebido. Por outro lado, documentos escritos pelo Almirante Tamandaré fazem referência a acontecimentos históricos e lições de guerras passadas, nas quais procurava extrair ensinamentos e tirar conclusões. Em ofício encaminhado ao Conselheiro Saraiva, em outubro de 1857, fez alusões à conduta da Guerra da Criméia, e em outro anterior dirigido ao mesmo ministro, versando sobre a aquisição de canhoneiras na Europa para a Marinha Imperial, concluía Tamandaré:

"Estas são indubitavelmente as canhoneiras formadas de ferro do lume d'água para cima e à prova de bala de grosso calibre; elas arrasaram as grandes baterias de Kin-

burn, conservando a reputação de sua invulnerabilidade, e são elas as mais próprias para atacar e arrasar as fortificações feitas ou em construção nas margens do Paraguai" (3:34).

Estaria com razão o Almirante Jaceguay quanto ao juízo que fizera de seu Comandante-em-Chefe?

ESTRATÉGIA, POLÍTICA, TÁTICA E LOGÍSTICA SE CONFUNDEM

Talvez seja realmente difícil provar através de raciocínio conclusivo a predileção de Tamandaré quanto a uma ou mais concepções estratégicas de emprego de Poder Naval. Mas de suas ações nas diversas campanhas em que tomou direção ativa, deduz-se que era mais adepto da Batalha Decisiva, visto que as operações navais mais empregadas por suas forças foram sempre o Bloqueio e o Apoio às Operações Terrestres. No Prata, suas ações visavam sempre que possível, impedir que o inimigo descesse o rio para transportar suas forças, e apoiar o Exército na conquista de seus objetivos. Assim foi no bloqueio ao rio Uruguai e na tomada de Salto e Paissandu, durante a Campanha do Uruguai. Sua visão de Paissandu era político-estratégica, e sobre sua conquista, escreve ao Conselheiro Pinto Lima, Ministro da Marinha: "Politicamente encarado, este triunfo é de um imenso alcance, porque arrebata ao inimigo a sua posição mais forte, e que ele reservara para centro de sua atuação, como ponto de reunião dos paraguaios e dos

entre-rianos, com cujo pronunciamento a seu favor ainda hoje conta" (3:194).

Sua atuação na Campanha do Paraguai, a meu juízo, não foi tão positiva como o fora na do Uruguai, embora tenha idealizado um plano no qual previa ações de bloqueio dos portos da República Paraguai e a tomada imediata da ofensiva com a transferência do Teatro de Operações para o território inimigo, não dando tempo a este para o adestramento e a organização de suas tropas. Mas esta guerra o desgastou bastante, tendo sido alvo de críticas não só por sua permanência em Buenos Aires, distante da Esquadra em ação, como pela postura limitada de nossas forças navais em demorados bloqueios ao longo do Paraná.

A guerra também viria testemunhar que o Almirante Tamandaré tinha conhecimento da Arte e da Ciência da Guerra e se preocupava com o preparo e o emprego de nossas forças navais, além de mais uma vez evidenciar que acompanhava com interesse profissional as lições que a História nos fornece. Ainda em seu plano, o Almirante chama a atenção para o possível emprego, por parte do inimigo, de correntes de ferro e até mesmo de navios encalhados para fechar a navegação nos rios: "Ainda pode suceder que, imitando o grande e notável exemplo dos russos em Sebastopol, meta a pique no canal alguns navios para o fechar" (6:7).

Informações de caráter estratégico-operativo também estavam presentes nos planejamentos de Tamandaré. Em carta ao nosso mi-

nistro residente no Paraguai, solicita "informações seguras sobre a força real do Exército paraguaio, posições... e distâncias... grau de instrução militar... qualidade do armamento... fortificações do rio de Três Bocas até a capital... força naval que dispõe essa República e o estado material dos navios" (3:156).

Tamandaré também nos revela entender a Estratégia como uma extensão da Política. Assim o demonstrou quando esteve como encarregado da direção militar e política da guerra no Uruguai. Em suas decisões e ações militares não deixava de considerar os aspectos conjunturais de antagonismos e políticos vigentes no momento. Uma de suas preocupações era manter o nosso ministro residente em Buenos Aires informado acerca da situação da guerra. Decisão também de cunho político foi a iniciativa de aliar-se a Venâncio Flores, fator preponderante no desfecho dos acontecimentos no Uruguai. Acompanha com interesse a situação política da conturbada região Platina, alertando o nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros para os possíveis rumos da diplomacia regional, em uma visão prospectiva, em carta a ele dirigida a 12 de outubro de 1864: "Não me cansarei de repetir que... não devemos olhar para a questão como reduzida a um só de tais Estados, mas sim devemos contar com a possibilidade de termos todos reunidos contra nós" (3:167).

Mas a condução da guerra não se caracteriza somente pelo esforço integrado da Estratégia, da Po-

lítica e da Tática empregada nos combates. Não basta decidir se o esforço principal será político ou militar, não é suficiente escolher a melhor tática a empregar. É também necessário preservar e ampliar a capacidade das forças combatentes, através de ações logísticas adequadas. E Tamandaré, como militar experiente, desde cedo comprovou aquilatar quão importante era esta atividade. Vejamos então.

Ao tempo em que era responsável pela aquisição de novas canhoneiras para a Marinha na Europa, em 1857, em ofício endereçado ao Conselheiro Saraiva faz menção à compra de embarcações "para fazer o serviço de transporte de gêneros, depósito de sobressalentes e do material bélico necessário para se construirem e se suprirem baterias flutuantes... A nossa Armada tem falta desta qualidade de transporte" (3:42). Também era preocupação daquele Almirante a dependência estrangeira do material bélico: "a grande distância em que estamos da Europa e as dificuldades políticas que se podem oferecer entre nós e algumas das potências européias tornam prudente se não necessário que nos premunamos de todos os meios de guerra precisos... sem restrita dependência do estrangeiro" (3:58).

Além dos aspectos políticos, táticos e logísticos abordados até agora, não poderia deixar de registrar que os aspectos jurídicos que envolvem a Arte da Guerra não eram relegados por Tamandaré. Ao aplicar o bloqueio às águas inimigas, não deixava de providenciar a comunicação necessária inclusive

aos diplomatas estrangeiros interessados, da decisão de nosso governo em adotar tal medida. Entendia ser o bloqueio um perfeito estado de guerra, justificando entretanto a sua utilização como represália e meio de coerção, em face dos precedentes registrados na Turquia e mesmo no Rio da Prata, respectivamente, bloqueados em situação semelhante pela Rússia, Inglaterra e França e pela França e Inglaterra.

É oportuno observar que muitos países, principalmente europeus, tinham seus interesses atingidos pelo nosso ato de bloqueio, e Tamandaré deveria sabê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este ensaio, gostaria de voltar a tecer algumas considerações sobre a formação militar-naval e o preparo do Almirante Tamandaré.

Segundo o Barão de Jaceguay, ele era meticoloso, calculista, nada confiando à sorte, raciocinando demais antes de tomar qualquer decisão mais arrojada. Sobre sua formação afirma o historiador: "Se não lhe foi concedido uma educação literária e científica, por onde outros se iniciaram na carreira de marinha, teve em compensação, um grande modelo para imitar e a duríssima escola em que se formaram os maiores vultos das marinhas daquele tempo" (7:87).

É incontestável o valor intrínseco das Academias Navais bem como das demais escolas militares em todos os níveis de preparo de oficiais, mormente nos dias de ho-

je em que o avanço da tecnologia militar é fato notório. Mas parece-me que, àquela época, a contribuição de tais estabelecimentos era bem mais modesta, não sendo, a meu juízo, o principal fator limitador do conjunto de qualidades que se podia esperar de um oficial de Marinha dos tempos do Marquês de Tamandaré.

Creio que a opinião de Lord Cochrane de que "a melhor Academia de Marinha é um Navio de Guerra" bem traduz o valor de Tamandaré, e patenteia seu prestígio na Marinha e na opinião pública, conquistado em cerca de trinta anos de árduas ações e campanhas navais.

Bibliografia

1. BARROSO, Gustavo. *Tamandaré, o Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro, Fon-Fon e Seleta, 1956.
2. BOITEUX, Lucas Alexandre. *A Marinha Imperial e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1954.
3. BRASIL, Serviço de Documentação Geral da Marinha, Extratos do Arquivo do Almirante Tamandaré. In: *Subsídios para a História Marítima do Brasil*. Rio de Janeiro, 1950 / 51. v. 8. / v. 10.
4. CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1981. v. 5.
5. CAMINHA, João Carlos Gonçalves. *Delineamentos da Estratégia*. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1980.
6. FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro, Estado-Maior do Exército, 1934. v. 1/ v.2.
7. JACEGUAY, Arthur. *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro, 1935.
8. JOURDAN, A. C. Riachuelo, Uruguiana e Passo de Pátria. In: *História das Campanhas do Uruguay, Matto Grosso e Paraguay*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 1894, v. 3.
9. MAIA, João do Prado. *A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.
10. ———. *Através da História Naval Brasileira*. São Paulo, Editora Nacional, 1936.
11. MONJARDIM, Adelpho Poli. *O Grande Almirante*. Duque de Caxias, Imprensa Naval, 1976.



O Capitão-de-Corveta William Carmo Cesar está fazendo, atualmente, o Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval. Dentre outras funções, exerceu as de Imediato do NPaCo "Penedo", Instrutor de Guardas-Marinha, Encarregado de Comunicação do Navio-Escola "Custódio de Melo" e Instrutor e Encarregado do Curso de Aperfeiçoamento para Oficiais.